

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOC'S KINGDOM: AMY HALPERN
9 de dezembro de 2023

FALLING LESSONS (1992)

Realização, Câmara, Montagem, Design de Som e Música: Amy Halpern / **Elenco:** David Allen, Arlene Bowman, Ed Brokaw, Shirley Clarke, Bem Caldwell, Alex Cox, Goofy the Ferret, Julie Dash, Johanna Demetrakis, James Doolin, Tito Larriva, William Moritz, Pat O'Neill, Neon Park, Pat Phillips, Imelda Richards, Margaret Xissy Smih, Michael Snow, Chick Stand, entre outros / **Cantores:** Lakshmi Shankar, David Hyker and The Harmonic Choir, Ife White, Hari Shebad and The Yosar Chorus / **Músicos:** Tony Dumas (baixo), Sandman Sims (sapateado), Billy Higgins (bateria e berimbau), Marilyn Donadt (percussão), Chalo Quintana (saxofone), Toni Marcus (violino, strovirole e cítara), Sam Claiborne (sintetizadores e percussão), John Sinclair (gaita-de-foles escocesa), Tito Larriva (guitarra e voz), Don Kirby (tambura), Nabil Azzam (música eletrónica) / **Gravação de som:** Richard Portman

Cópia: 16mm, a cores, com falas em inglês e legendada eletronicamente em português / **Duração:** 64 minutos
Primeira exibição na Cinemateca

“Na minha vida sempre fui visual”

“Lembro-me de existir especialmente através dos meus olhos”

(Amy Halpern em *Women Behind the Camera: Conversations with Camerawomen*)

Apesar da relativa marginalidade do seu trabalho na Europa - que os programas organizados em 2022 pela XIII S8 Mostra de Cinema Periférico de A Coruña, procuraram, de certa forma, colmatar, como assinala o curador, programador e escritor Arindam Sen -, o trabalho de Amy Halpern, desenvolvido ao longo de cerca de cinco décadas de carreira, ocupa, como veremos, um papel essencial na história do cinema experimental norte-americano.

O percurso artístico de Amy Halpern inicia-se no mundo da dança moderna, arte que rapidamente se revelará, para a artista, extremamente limitada enquanto forma de expressão. É em 1970, quando entra para a State University of New York em Binghamton, que descobre, para sua completa surpresa, que os filmes que mais lhe interessavam ainda não tinham sido feitos, como revela numa entrevista publicada no livro *Woman Behind The Camera: Conversations with Camerawomen*. Em Binghamton, onde estudará por apenas seis meses, encontrará como professores figuras como Larry Gottheim e Ken Jacobs (com quem continuará a colaborar). Naqueles anos, todas as pessoas importantes passaram por ali [Binghamton], e algumas delas eram pessoas com as quais passei muito do meu tempo” (*Women Behind the Camera*); falamos de nomes como Hollis Frampton, Peter Kubelka, Michael Snow, Ernie Gehr e Stan Brakhage.

Em 1971, Halpern deixa Binghamton, e no ano seguinte cria o The Collective For Living Cinema (1972 – 1990), juntamente com Ken Ross, Phil Wiseman e Mark Graff; uma organização que se dedicava inteiramente à exibição de trabalhos experimentais. É nesse “espaço de projeção experimental na baixa da cidade” (Yvonne Rainer em *Feelings are Facts*) que será exibido, pela primeira vez, o filme *Lives of Performers*, de Rainer. E também ela se juntou ao grupo que geria esse “local de projeção experimental em dificuldades, na baixa de Manhattan, que acabou por se extinguir em 89, vítima de fundos esgotados e dissensões intensas” (*ibidem*). É neste período que Halpern começa a trabalhar nos seus próprios filmes, em película de 8mm, optando, logo depois, por trabalhar em 16mm, formato que se manterá o seu preferido nos anos seguintes.

Depois de se mudar para Los Angeles— cidade onde acabará por concluir o BA e o MFA na UCLA Film School -, cofunda o coletivo Los Angeles Independent Film Oasis (1980-1985), uma organização gerida colaborativamente que, tal como o The Collective For Living Cinema, procurava estabelecer-se como uma alternativa para a exibição de produções independentes, que não encontravam lugar nos circuitos de exibição convencionais. Porém, o sucesso anteriormente alcançado pelo coletivo nova-iorquino, que sobreviveu por quase duas décadas, não encontrou paralelo nesta nova experiência do outro lado do continente.

FALLING LESSONS, a sua única longa-metragem, completada nos anos 90, demorou cerca de 15 anos a ser concluída, “com cada centavo que ganhava e com todo o tempo que tinha enquanto procurava dinheiro” (Halpern em entrevista a Arindam Sen). Um processo lento, e, segundo a realizadora, “não-agressivo”: “Mantive-me sensível ao impulso genuíno que alimenta o filme e (...) não comprometi nada do que ele exigia. Por isso, paguei-o em tempo (...) mas a recompensa é a existência de uma obra única” (*Women Behind the Camera*). Nesse sentido, esta longa-metragem, que teve a sua antestreia na Europa apenas aquando da já mencionada XIII S8 Mostra de Cinema Periférico, em 2022, pode ser considerada uma espécie de documentário experimental sobre a carreira da artista, uma obra única que revela muitos elementos do seu percurso profissional e pessoal, das suas explorações e experiências, bem como dos seus interesses e preocupações pessoais.

FALLING LESSONS compreende um conjunto de lições e experimentações: jogos de cor, luz e sombra, explorações da relação entre corpo e espaço, imagem e som; como se, em cada fragmento que compõe este filme, Halpern procurasse testar novas ideias e, assim, também as possibilidades do cinema. Este belíssimo ensaio revela a extraordinária sensibilidade visual de Halpern, característica que terá ainda apurado durante os vários anos em que trabalhou como *gaffer*, diretora de fotografia e técnica de luz na indústria de Hollywood (em filmes como GODZILLA '85 ou MY BROTHER'S WEDDING). A dança, primeiro meio artístico que explorou e estudou, revela-se na maneira como contempla e capta a sensibilidade do movimento dos corpos, na forma como experimenta com a música e o som— em combinações que desafiam a harmonia e a complementaridade, relembrando também os trabalhos de Rainer com a performance -, e na belíssima e desconcertante cena de dança/performance de uma bailarina numa sala completamente vazia. FALLING LESSONS revela também o genuíno interesse de Halpern por aqueles elementos que reconhecia ausentes na dança, limitando-a enquanto meio de expressão, como é o caso do *close-up*; de entre as centenas de imagens que compõem este filme, surgem detalhes de rostos, humanos e animais, corpos, particularidades que compõem os acessórios e as peças de vestuário.

FALLING LESSONS é um filme sobre o contacto visual e o medo, como a própria realizadora assinala. Durante todo o filme, somos confrontados com os olhares de dezenas de rostos, apresentados fugazmente numa panorâmica vertical que simula uma repetida sensação de queda no vazio; os elementos que compõem esta “cascata de rostos” interpelam-nos com o seu olhar e com as suas expressões, assim como as figuras com que nos cruzamos quotidianamente nas ruas de uma metrópole como Nova Iorque (cidade onde a realizadora cresceu e que reconhece ter influenciado este trabalho). Aos vários fragmentos que compõem o filme – que se alternam e repetem – não é fornecido qualquer enquadramento contextual, as imagens seguem-se de forma [aparentemente] aleatória, interpelam o espectador, frequentemente através de frases, palavras e olhares diretos. A obra de Halpern pode ser associada à noção de “cinema de perceção consciente” (Arindam Sen), dado que os seus filmes apresentam uma forte componente subjetiva, sendo construídos de forma a estimular a perceção individual do espectador, através de pistas ou “impressões”. Como assinala Arindam Sen, os seus filmes “são articulações sensoriais de uma certa realidade transformada através do meio, procurando estabelecer uma relação direta e não mediada com o público”.

De entre os fragmentos e personagens que vão surgindo, alternada e repetidamente, distingue-se um episódio narrativo que se vai desenrolando em paralelo, sobre o assassinato de uma criança negra por dois polícias. Empenhada na luta antirracista, Halpern – que colaborou com alguns dos realizadores associados ao movimento LA Rebellion (Charles Burnett, Barbara McCullough, Julie Dash) – considera que também FALLING LESSONS é parte desse movimento, levantando questões relacionadas com a violência policial, o racismo e a dificuldade de criar uma criança negra nos Estados Unidos da América.

Sara Oliveira Duarte